

DESASTRE AMBIENTAL

Danos da lama vão durar décadas

GABRIELA BILÓ/ESTADÃO CONTEÚDO - 22/11/2015

É o que afirmam pesquisadores que analisam os impactos do rompimento da barragem da Samarco, que hoje completa 1 ano

Daniel Figueredo
Wilton Júnior

Os impactos da lama de rejeitos de mineração da Samarco sobre a qualidade da água e sobre a foz do Rio Doce podem durar décadas e até se tornarem um padrão no meio ambiente da região da foz, em Linhares – com mais lama chegando e se depositando conforme o regime de chuvas e cheias do manancial, segundo pesquisadores.

O maior desastre ambiental do País, com rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana (MG), completa um ano hoje. Por causa do rompimento, foram despejados 35 bilhões de litros de rejeitos de minério na bacia do Rio Doce e, para o professor e coordenador de Estudos do Meio Marinho para o Impacto da Lama da Ufes, Alex Bastos, os impactos continuarão ocorrendo a cada ciclo de chuvas.

“Ainda há muita lama nas margens e depositada no fundo dos rios e, quando o rio encher, vai ganhar energia e a lama voltará a ser levada à foz do rio. Existia uma característica que variava com a estação, mas mudava pouco. Com o evento, esse nível crônico pode perdurar bastante tempo.”

Segundo o coordenador do Centro Tamar/ICMBio, João Carlos Thomé, com o passar dos meses houve uma redução da toxicidade dos peixes. No entanto, ele alertou que isso pode subir novamente com a chegada de mais rejeitos à região da foz. “Houve alteração das condições do rio e da foz. A água é mais escura do que era antes ao longo da costa. Então, não é possível saber quando a região vai retornar à condição anterior.”

Ele explicou que um plano de monitoramento está sendo realizado e vai ser financiado pela fundação criada para a reparação do desastre ambiental. Uma nova expedição deve ser realizada no dia 20.

“Foi elaborado um plano de mo-



LAMA no encontro do Rio Doce com o mar, em Regência, Linhares, após o rompimento de barragem em Minas Gerais: impactos para o meio ambiente

nitramento daqui para frente, que vai ser executado pelas universidades do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, e financiado pela Fundação Renova. Será feito um monitoramento intenso das condições da foz nos próximos 10 anos”, afirmou Thomé.

Para o professor Alex Bastos, é necessário que sejam iniciados estudos na saúde da população que convive com os impactos da lama. “Monitoramos o meio ambiente, mas as pessoas estão inseridas nele. É preciso monitorar a saúde delas, para verificar se não houve contaminação que pode causar doenças.”

“Ainda há muita lama nas margens e depositada no fundo dos rios e, quando o rio encher, a lama voltará a ser levada à foz do rio”

Alex Bastos, professor e pesquisador

LEONE IGLESIAS - 05/02/2016



ALEX BASTOS (3º à esquerda) entre pesquisadores que analisaram danos

LAMA que ainda está em barragem da Samarco em Mariana: Ibama cobra ações contra novo desastre no período de chuvas



DANIEL FIGUEREDO

Multa de R\$ 500 mil por dia até Samarco conter rejeitos

A mineradora Samarco, controlada pela Vale e a BHP Billiton, recebeu uma nova multa do Ibama, por não cumprir exigências relacionadas à contenção de rejeitos de mineração da barragem que se rompeu em 2015. A multa será aplicada diariamente e tem o valor de R\$ 500 mil.

Segundo o Ibama, a multa será mantida até que a Samarco conclua obras para tratar efetivamente o rejeito do dique S3. O órgão ambiental aponta que a empresa não concluiu a elevação da altura do dique antes do período chuvoso, conforme determinado.

A multa foi oficializada dia 1º. O órgão ambiental deu prazo de 20 dias para que a empresa adote medidas para resolver as pendências.

De acordo com o Ibama, a Samarco foi notificada 68 vezes e recebeu sete autos de infração do órgão ambiental desde o dia 5 de novembro de 2015, quando o rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana (MG), matou 19 pes-

soas e deixou o maior rastro de destruição aberto por 35 milhões de metros cúbicos de rejeitos no meio ambiente. As multas aplicadas pelo Ibama já ultrapassam R\$ 300 milhões.

A Samarco afirmou que o dique S3 passa por obras de alteamento para ampliar em 800 mil metros cúbicos a sua capacidade. Com isso, passará de 2,1 milhões para 2,9 milhões de metros cúbicos. A empresa afirmou que as obras serão concluídas até o fim de dezembro.

REPRESA

Órgãos ambientais, incluindo o Ibama, manifestaram preocupação de que o início da temporada chuvosa possa levar mais lama para o Rio Doce.

O Ibama, no entanto, descartou a possibilidade de rompimento da represa da Usina de Candonga e disse que no pior cenário, mesmo com as obras concluídas, 2 milhões de metros cúbicos de rejeitos podem ir ao rio.

ONU diz que medidas contra impactos são insuficientes

A Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou ontem um apelo para que o governo brasileiro e as empresas envolvidas no rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana (MG), tomem medidas urgentes para conter os impactos da tragédia. Segundo o órgão, as ações tomadas até agora foram “simplesmente insuficientes”.

O órgão apontou que os afetados continuam sofrendo os impactos dos rejeitos de mineração. Também foi citado o desrespeito aos direitos humanos em vários sentidos, como impactos em comunidades indígenas, ribeirinhas, e a lentidão para reassentamento da população deslocada.

O relatório assinado por especialistas ligados à ONU pede esclarecimentos sobre a qualidade da água, a saúde das vítimas e o destino das comunidades forçadas a abandonar suas casas. Ele aponta ainda o receio de que mais rejeitos possam atingir as regiões da foz quando a temporada chuvosa iniciar, daqui a algumas semanas.

As empresas Samarco, Vale e BHP Billiton são citadas com críticas a seus esforços para conter o vazamento de lama, considerados insuficientes. “Relembramos ao governo e às empresas que um desastre dessa escala – que despejou o equivalente a 20 mil piscinas olímpicas de rejeitos – requer resposta em escala similar.”

Entre os esclarecimentos e ações solicitados, estão garantias de que desastre semelhante jamais se repita.

Cidades

DESASTRE AMBIENTAL

Dor e incertezas em Regência

A vida dos moradores da Vila de Regência, na foz do Rio Doce, no litoral de Linhares, já não é mais a mesma desde o rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG), no dia 5 de novembro do ano passado.

Um ano após a tragédia que lançou a lama de resíduos de minério de ferro na calha do manancial, a rotina de quem sobrevivia do rio, hoje, é marcada por dor, tristeza, incertezas e revolta.

“São cerca de 70 pescadores sem uma fonte de renda. Gente que só sabe fazer uma coisa na vida: pescar. Até quando permanecerão dependendo de um cartão da Samarco? E como reparar comerciantes, donos de pousadas e tantos outros segmentos sociais que viviam aqui, do turismo e das atividades ligadas ao Rio Doce?”, questionou Leônidas Carlos, presidente da Associação de Pescadores de Regência.

A lama com resíduos de minério que desceu pelo Rio Doce desde o

rompimento da barragem da Samarco chegou ao mar, em Regência, no dia 21 de novembro de 2015.

A primeira onda da lama, de cor avermelhada, menos densa e com um leve odor passou pelo centro da cidade, na altura do cais do porto, no dia 20 de novembro.

A mineradora instalou uma barreira composta por boias infláveis e uma lona que deveria ser impermeável, afixada ao fundo do rio, montada ao longo de nove quilômetros da foz do manancial, para que a lama não atingisse o estuário.

A operação foi inútil. Todo o ecossistema foi afetado e até hoje moradores de Regência continuam vivendo um pesadelo. “Até hoje, não divulgaram um laudo para dizer se o rio está contaminado. Famílias de pescadores que tinham renda de até R\$ 3,5 mil por mês, agora sobrevivem com o salário mínimo do cartão Samarco”, criticou Milton Jorge, presidente da Colônia Z-6 de Pescadores.

TRISTEZA



“Mudou tudo para pior”

O vice-presidente do Comitê das Bacias Hidrográfica dos Rios Barra Seca e Doce, o educador ambiental Carlos Sangália, 50 anos, lamentou os problemas vividos com a chegada dos rejeitos.

“Foram vários os impactos na região. Ecossistema degradado; impacto social, pois mudaram os costumes e as relações pessoais, além do desajuste cultural e turístico, ou seja, mudou tudo para pior.”

PREOCUPAÇÃO COM O FUTURO



FOTOS: WILTON JUNIOR

“Os turistas sumiram daqui”

A líder comunitária Helenita Souza Teixeira, de 68 anos, é presidente da Associação de Moradores de Regência e está pessimista quanto ao futuro da região de Regência.

Ainda abalada, disse que a vila é outra após a lama de rejeitos de mi-

nério da Samarco ter atingido a região da foz do Rio Doce.

“Mudou muita coisa na nossa comunidade, desde a chegada da lama da Samarco. Os turistas sumiram daqui. As pousadas estão vazias e estamos sobrevivendo de promoções

que os moradores fazem.”

Ela também apontou que alguns reclamam por não receber ajuda da Samarco. “Há também muita desavença por conta dos cartões da Samarco. Umas pessoas receberam e outras, não”, lamentou.

Indenização de R\$ 880 em Colatina

Dentre as medidas que estão sendo adotadas para a reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem da Samarco, em Mariana (MG), está a indenização de 120 mil moradores de Colatina que tiveram o fornecimento de água interrompido.

A Fundação Renova já está fazendo agendamentos para pagar a cada morador uma indenização de R\$ 880 por dano moral por causa do corte do abastecimento. No entanto, ao aceitar os acordos, os moradores abrem mão de ações judiciais contra a empresa.

Por meio de nota, a mineradora informou que, desde o rompimento da barragem de Fundão, “a Samarco tem feito esforços para reparar e remediar os danos causados. Foram adotadas medidas emergenciais e iniciado o planejamento de longo prazo para recuperar os danos ambientais”.

Informou ainda que está em curso um diagnóstico de impacto turístico pela Fundação Renova. O diagnóstico ficará pronto até março de 2017, conforme Termo de Transação de Ajustamento de Conduta (TTAC).

“A Fundação Renova está ouvindo a comunidade, as associações do distrito de Regência, envolvendo organizações do terceiro setor, o governo do Espírito Santo, dentre outras entidades”.

A mineradora acrescentou que em Linhares, 1.663 famílias recebem o cartão de auxílio emergencial, sendo 286 famílias em Regência. O auxílio contempla um salário mínimo, com adicional de 20% por dependente e uma cesta básica. Segundo a mineradora, os critérios foram definidos junto ao Ministério Público.